

*Texto extraído da coleção Bairros do Rio - Gávea, Rocinha e São Conrado – Editora Fraiha*

## A história da Gávea



São seis e meia da tarde, de um dia qualquer da semana. Final de uma jornada de trabalho e você precisa ir, digamos, da Praça XV, no Centro da cidade, até a Gávea, na Zona Sul. Seja qual for a opção, será necessário combinar pelo menos dois desses meios de transporte: carro, ônibus ou metrô. Se não houver nenhuma grande modificação na rotina carioca, o trajeto pode durar até uma hora, em média, e será longo, cansativo, quem sabe até um pouco exasperante.

No início do século XIX, o percurso que ia da chamada Cidade Velha até o Horto Real era bem mais complicado. Tomava algo como três ou quatro horas do passageiro - fosse ele soberano ou súdito. Para visitar o jardim de plantas exóticas, bem ao lado da Fábrica da Pólvora ali instalada em 1808, Dom João VI tinha que cumprir uma rota bem desgastante. "Depois da estrada rústica da São Clemente não havia mais caminho para carruagem", conta o historiador Brasil Gerson, lembrando a cidade de ruas toscas, anteriores ao calçamento com macadame. Então lá ia Dom João até a Praia da Piaçava, mais ou menos onde é hoje a Fonte da Saudade, de onde só havia um jeito de seguir: ir de canoa até o jardim.

Respeitados os duzentos anos que separam os dois momentos, parece até que continua existindo a tradicional dificuldade de chegar à "distante" Gávea, a freguesia de fora que é hoje um dos bairros mais nobres da cidade, com direito a quase 500 mil metros quadrados de área verde, um grande número de edificações tombadas pelo Patrimônio, prédios e residências luxuosas.

Gávea, nome dado pelos marinheiros que ainda do mar alto avistavam a pedra grandiosa, situada no bairro de São Conrado. Em cartas de 1502, Gaspar Lemos também nomeia "Gávea" a rocha, tal a semelhança com os mastros dos navios. A pedra, de quase 850 metros de altura, era ponto de referência para os navegantes. Nas crônicas sobre a história do Rio de Janeiro, conta-se que, embora afastada dos primeiros núcleos urbanos, essa Gávea foi o "bairro" carioca de origem mais remota, pois antes mesmo de Estácio de Sá fundar a cidade no Morro do Castelo, os franceses já o teriam ocupado para explorar o pau-brasil. Foi justamente o primeiro governador quem sancionou o nome de Gávea em documento oficial de concessão de sesmarias, garantindo a sua ocupação por famílias portuguesas.

Na época do Governador Antônio Salema, que chegara ao Rio de Janeiro em 1574, instalou-se na região o Engenho d'El Rei, para o cultivo a cana-de-açúcar. A moenda ficava nas margens da Lagoa de Sacopenapã, cuja corruptela é Sacopã, ou das "raízes chatas", como a chamavam os índios que habitavam o local originalmente. Assim como outras áreas conhecidas como sertão bravio, a imensa Gávea foi inicialmente terra de lavoura e pastagens, depois terras de cultivo de

cana. Até meados do século XIX, ali também existiram grandes fazendas dedicadas à cultura do café. Em fins do século XIX, a região passou a fazer parte das chamadas freguesias de fora, pertencendo à povoação de São José da Lagoa. Esta foi desmembrada em 1873, dando origem à Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Gávea.

A Gávea das primeiras décadas do XIX era um pacato conjunto de poucas ruas e largos, indo da Fonte da Saudade até o fim da futura Rua Marquês de São Vicente. A região pouco povoada, de clima ameno, atraía a atenção de estrangeiros. Um morador ilustre foi o arquiteto Grandjean de Montigny, integrante da Missão Francesa liderada por Joachin Lebreton, que chegou ao Brasil em 1816. Montigny construiu sua casa no local que hoje situa-se dentro do *campus* da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, a PUC. O solar, tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional, seria conhecido como Olaria da Gávea por muito tempo, pois o francês mandara instalar ali uma fábrica de telhas e tijolos, além de sua própria residência, saborosamente descrita pelo historiador Gastão Cruls no clássico *Aparência do Rio de Janeiro*:

"Pela sua situação, assentado sobre pequeno cômodo e rodeado de parque abundantemente arborizado, e pelo seu estilo pompeiano, com graciosa sala de jantar em semicírculo e varandas por todos os lados, procurando o mais possível abranger as lindas perspectivas que dali se divisavam, inclusive o mar ao longe..."

Naquela época, a principal via do bairro chamava-se Caminho da Bela Vista e era a rua que levava até a residência do abolicionista José Antônio Pimenta Bueno, conselheiro de D. Pedro II. O notável político ganhou o título de Marquês de São Vicente, com que depois viria a ser batizada a antiga Bela Vista. O palacete do Marquês e as terras ao redor passariam à família Guinle. Vendida à Prefeitura, a propriedade iria abrigar o Museu da Cidade e o Parque.

A igreja que dava nome à freguesia de Nossa Senhora da Conceição foi construída graças ao empenho do Manoel dos Anjos Vitorino do Amaral, conhecido morador da região, proprietário de um hotel no Largo das Três Vendas, atual Praça Santos Dumont. A Igreja foi elevada a matriz em 1875. A Gávea de então era ainda

um local bucólico, distante do Porto, e da "agitação" da vida comercial, política e burocrática do Império. A distância, contudo, não impedia que alguns célebres nomes da Corte escolhessem o local para sua residência. Ali moraram o Marquês de Tamandaré, o Barão do Lavradio, o Conde de Santa Marinha, o Visconde de Valderato, o Visconde da Penha, o Visconde de Ouro Preto...

A República chegou e a Gávea continuava um bairro de chácaras tranqüilas, com hortas, pomares, mangueiras e jabuticabeiras. Ali existiam ainda algumas moendas que produziam garapa, e todo o tipo de criação: vacas leiteiras, jumentos, galinhas, gansos, pavões. Entre as antigas propriedades, destacava-se a do Almirante Taylor, no local depois batizado rua Embaixador Carlos Taylor. Bem em frente estava a casa conselheiro Antonio José do Amaral, onde funcionava, desde 1878, o Clube Dramático União Familiar da Gávea. Durante a Revolta da Armada, iniciada em 1893, muitas famílias deixaram o Centro e outros bairros residenciais temendo os bombardeios. Assim, muitos passaram a habitar a Gávea e tinham no Clube um importante ponto de encontro. Aliás, um ilustre freqüentador da agremiação artística foi o caricaturista J. Carlos, que ainda bem criança, deixou seu Botafogo natal para morar na Gávea. Ali, conheceu Lavínia Taylor Neves com quem casou-se em 1914 na Nossa Senhora da Conceição.

A vocação do futuro bairro seria radicalmente transformada, com o desmembramento das antigas propriedades e a instalação de fábricas de tecido. A primeira delas, em 1884, chamava-se Carioca. Em 1889 surgiu a Corcovado, que juntava-se à fábrica de Chapéus Braga Costa e a outras iniciativas menores que deram a feição operária, tão característica do bairro até fins da década de 1930. Foi só então, em 1937, que se definiu o zoneamento da cidade, excluindo-se a zona sul como área industrial.

A Gávea campestre dera lugar a uma Gávea industrial, com grande população proletária. Próxima à Fábrica Carioca, por exemplo, surgiu a Vila Operária Sauer, cujo proprietário foi também diretor da Companhia de Saneamento da Gávea, firma responsável pelo loteamento, urbanização e abertura de diversas ruas.

No Largo das Três Vendas, o Presidente Hermes da Fonseca mandou construir uma vila operária, a que chamou Vila Dona Orsina da Fonseca, em homenagem a sua primeira esposa. Com esse importante contingente de trabalhadores, o bairro responderia intensamente aos movimentos sindicalistas e anarquistas que marcaram a vida urbana do Rio e do Brasil nas primeira duas décadas do século XX. Durante a Greve Geral de 1918, era tal a comoção no bairro que ele ganhou o apelido de "Gávea Vermelha".

Em 1921 surgiu a Fábrica de Tecidos São Félix, chamada depois de Cotonifício da Gávea e, ainda, mais tarde, Sudantex. A Fábrica ficava início da Rua Marquês de São Vicente, de onde saiu nos anos 80. No terreno surgiu uma nova rua, a Professor Manuel Ferreira. Na Gávea também estavam instalados o Laboratório Park-Davis, onde hoje é o prédio residencial Gávea 4, o Laboratório Moura Brasil, este na altura do número 104 da Marquês, e a Indústria Química Merrel do Brasil, último estabelecimento industrial a fechar suas portas no bairro, em 1988, dando lugar ao Gávea Trade.

Já que a maior parte dos empregados dessas fábricas e laboratórios vinha morar no bairro, era natural que ali surgissem as vilas ou as chamadas casas de cômodos, onde operárias, lavadeiras e trabalhadoras domésticas alugavam quartos a preços bem baixos. No final dos anos 30, foi criado o Parque Proletário, com inúmeras casinhas de madeira, ocupando uma enorme área onde hoje funcionam o Planetário e Museu do Universo, e o ginásio e estacionamento da PUC. O Parque seria removido na década de 1960.

Criada em 1940 pelos jesuítas, a PUC ou Pontifícia Universidade Católica foi instalada na Gávea em 1955. A vida universitária diversificou ainda mais o perfil da região. Mas o bairro era ainda bastante pacato, com um comércio local inteiramente destinado voltado para os seus moradores: havia muitas casas de ferragens, o Bazar Gávea - com seus tamancos pendurados na fachada -, armarinhos, sapateiros, a Confeitaria Holanda, e o alfaiate do Sr. Marques, na Marquês de São Vicente, que ali faz roupa sob medida desde 1953.

Existiam também os vendedores que vinham de longe e batiam de porta em porta: o peixeiro, o tripeiro, o vendedor de jornais, o vendedor de revistas e figurinos. Há morador muito antigo que ainda se lembra dos vendedores chineses com suas partidas de linho, excelentes para confeccionar toalhas de mesa e lençóis. O padeiro entrava nas casas com uma enorme cesta, e cada uma escolhia seu pão. Pela manhã, o tipo francês, e, à tarde, os pães doces cobertos com glace. Os moradores abasteciam-se de leite enchendo suas garrafas na torneirinha do um caminhão apelidado "vaca leiteira". E havia ainda o charreteiro, que, com um sininho, avisava que ia começar o passeio até o Parque da Cidade.

Outra transformação fundamental na vida do bairro foi a chegada do bonde. A Companhia Ferro Carril do Jardim Botânico inaugurou seu primeiro trecho em 1868, indo da Rua Gonçalves Dias, no Centro, ao Largo do Machado. Em 1871, o ramal estendeu-se até o portão do Jardim Botânico. Na época, funcionava ali o "asilo agrícola" para crianças, dirigido por Barbosa Rodrigues. Sendo agora uma estação de bondes puxados por burros, achou-se conveniente que se instalasse ali um "chalet-restaurante" para recarregar as energias dos visitantes. Chamava-se Campestre, mas, segundo Dunlop, no seu *Rio Antigo*, as intenções do estabelecimento talvez não fossem tão inocentes assim:

"As mesas ficavam no jardim, sob as árvores; no interior do chalé havia jogo de bilhar, aparelhos de ginástica e balanços para as senhoras. Informa o historiador Ferreira da Rosa que o Campestre era muito freqüentado, menos talvez pela fama dos excelentes petiscos e do bom vinho do Pôrto, do que pelo discreto retiro, longe dos olhares bisbilhoteiros..."

Pouco tempo depois, o bonde chegaria ao Largo das Três Vendas. Nesse ano, o *Jornal do Comércio* informava: "o primeiro carro para o Jardim é às 5h e 15 minutos, saindo da Gonçalves Dias; o último parte do Jardim para a cidade às 9 horas (da noite) e 2 minutos." Somente em 1874, foi inaugurada a Estação Olaria, mais ou menos na altura do número 244 da atual Marquês de São Vicente

Bem, foram necessários quinze anos para que, no Natal de 1883, ficasse pronto o trecho até a Ponte da Rainha, no alto da Gávea, mesmo local em que os

*elétricos* faziam a volta, a partir de 1904. Em 1893 criou-se o Expresso da Gávea, um bonde comum que deixava o Centro às 16 horas em ponto e ia até a Ponte de Táboas, onde iniciava a Estrada Dona Castorina. O expresso, como diz o nome, andava à toda, e só fazia duas paradas: no Largo do Machado e no Largo dos Leões, para que se fizesse uma mudança da parelha de burros.

Em 1900 passaram a trafegar pela linha uns bondes luxuosos, com piso atapetado e assentos forrados de brim branco. Foram logo apelidados de Bonde de Ceroulas, por conta da capa que envolvia todo o veículo. Ela era amarrada nas extremidades do carro por cadarços que lembravam as tiras que prendiam as ceroulas nos tornozelos masculinos. Esses bondes eram mais caros e usados por famílias distintas durante as temporadas do Teatro Lírico. Partiam em horário certo, a tempo do espetáculo, e só retornavam quando terminasse a apresentação.

Outro tipo de bonde era o "caradura" ou taioba, transporte de segunda classe que levava os passageiros mais humildes por apenas um tostão. Eram abertos, e neles era permitido viajar mal vestido, conduzir tabuleiros de verduras, frutas e doces, além de transportar as trouxas de roupas.

Mais tarde surgiu o bonde bagageiro: era como um vagão da carga de estrada de ferro. Há quem se lembre dele, como uma antiga moradora, que mudou-se para a Marquês de São Vicente na década de 1920:

"Era a coisa mais fácil, a gente recebia tudo o que meu pai enviava de Minas - engradados com galinhas, cestos cheios de legumes.... O motorneiro entregava na porta de casa. E também, do mesmo modo, despachávamos o que queríamos para lá e para vários outros lugares. O bonde ia até a Central do Brasil e de lá passava as encomendas para os trens."

Na gestão do prefeito Carlos Sampaio, entre 1920 e 1922, urbanizou-se o lado ímpar da rua Jardim Botânico, na verdade, um local alagadiço entre a rua e a Lagoa. O aterro deu lugar a uma moderna avenida, batizada Eptácio Pessoa, em homenagem ao então Presidente da República. Novas residências surgiram no lugar recém-urbanizado. O antigo Largo das Três Vendas era agora a Praça Santos Dumont. Um novo marco na história da Gávea começara a ser construído em 1919,

no terreno pantanoso: o Jockey Club. A sede social e o Prado, projetados por Mário Ribeiro, entretanto, só seriam inaugurados em julho de 1926. Mas a Gávea estava ficando definitivamente glamourosa.

O clube passou a ser também conhecido como Hipódromo da Gávea. A inauguração contou com a presença de cerca de 30 mil pessoas e virou destaque na imprensa mundial. A praça, que antes era em boa parte um matagal, transformou-se num belo espaço público, onde os amantes do turfe estacionavam seus automóveis último tipo.

A festa maior do Jockey, o Grande Prêmio Brasil, foi realizada pela primeira vez em 1933. Nesse mesmo ano, um outro esporte tornou o bairro ainda mais conhecido: a corrida de *baratinhas* do Circuito da Gávea. A história desse circuito, que durou até meados de 1950, teve início quando o diplomata Manoel de Teffe chegou da Europa, onde participara de corridas de automóveis. Ele convenceu os dirigentes do Automóvel Club do Brasil a promover um circuito que obtivesse repercussão internacional e promovesse o Brasil. Aceita a idéia, inclusive com apoio do presidente Getúlio Vargas, decidiu-se o trajeto: as *baratinhas* saíam do Leblon, seguiam pela avenida Niemeyer, subiam a Estrada da Gávea, cheia de curvas sinuosas, e então desciam a rua Marquês de São Vicente. Daí, entravam na rua Athur Araripe e voltavam pelo canal da Avenida Visconde de Albuquerque. Eram 20 voltas que perfaziam 223 km.

O primeiro Grande Prêmio da Cidade do Rio de Janeiro - nome oficial do Circuito da Gávea - ocorreu em 1º de outubro de 1933 e foi o próprio Manoel de Teffe, com seu Alfa-Romeu, o vencedor da prova, que durou 3 horas, 19 minutos e 25 segundos. A cada ano, as provas atraíam mais e mais espectadores, e delas participavam brasileiros e estrangeiros, alguns deles famosos, como o argentino Victorio Coppolli e o italiano Carlo Pintacuda, e até uma participante feminina, a francesa Hellé Nice, que despertou a curiosidade e a simpatia do público.

A Segunda Guerra Mundial praticamente interrompeu as corridas, que só voltaram a acontecer em 1947. Nessa época, o mítico Chico Landi obteve três vitórias consecutivas. Enquanto existiu, o circuito marcou a memória de muitas



gerações: um dia de corrida era também um dia de festa: a Marquês de São Vicente ficava fechada, o bonde não circulava, os moradores locais acolhiam em suas casas os parentes e amigos desde a véspera, e os lugares nos muros mais altos eram disputados para se ter melhor visão da aventura.

Até 1971 a Gávea manteve-se um dos bairros mais tranquilos da zona sul carioca. Um pouco dessa paz foi embora com a abertura do Túnel Dois Irmãos, agora chamado Zuzu Angel. A partir daí, o bairro virou *passagem* para quem ia em direção a São Conrado e à Barra da Tijuca. Antes, ia-se da Zona Sul para a Barra por dois caminhos: pela Estrada da Gávea, atravessando a Rocinha, ou pela Avenida Niemeyer, inaugurada em 1916.

[...]

### **A Gávea hoje**

A Gávea já não é mais um bairro tão pacato e muitas de suas belas casas foram derrubadas para dar lugar a prédios enormes, aumentando sua população e, é claro, o número de carros em suas ruas. Mas, desde 1974, graças a atuação da Associação Moradores, a Gávea é considerada ZR-1, ou seja, zona residencial unifamiliar, o que ajudou a conter um pouco o surgimento de novos edifícios e grandes centros de comércio.

Durante a semana, são comuns os engarrafamentos, especialmente nos horários de entrada e saída de escola, em torno da PUC, e na entrada do Shopping da Gávea. À noite é a Praça do Jockey que fica lotada de carros e gente, freqüentadores dos muitos bares da região. É ali o já mitológico Baixo Gávea, um lugar que *ferve*, principalmente às segundas-feiras e na época das férias escolares.

A Gávea contemporânea pode ter até muitos problemas, mas quem mora ali não quer ir para outro lugar: até mesmo no Shopping há um clima de pequena comunidade, onde todos se conhecem, trocam notícias nas filas dos bancos, e deixam recados para amigos nos restaurantes. Há uma boa quantidade de teatros e centros culturais na área e é coisa comum ver um artista famoso circulando por suas

ruas, livrarias e cafés. Muitos deles são moradores, outros estão ali aprendendo a amar a Gávea durante as suas temporadas de apresentações teatrais e musicais.

Bairro privilegiado, a Gávea é um verdadeiro "luxo ambiental" para uma região urbana, com direito a uma flora e uma fauna excepcionais. Ali há até uma árvore legendária e protegida pelo Patrimônio: o Jequitibá no alto da Marquês de São Vicente. Ele sobressai entre as mangueiras, jaqueiras, frutas-pão, jabuticabeiras que ainda lembram chácaras da velha freguesia.

## Uma volta pela Gávea

### A Praça do Jockey

*Em 1933, sob aplausos de um público entusiasmado, o cavalo "Mossoró" ganhou o primeiro Grande Prêmio Brasil. E o Hipódromo da Gávea entrou para a história.*

A Gávea começa na praça, que já foi o Largo das Três Vendas e hoje toma por vezes emprestado o nome do Hipódromo logo em frente. O burburinho nos bares ao redor e mais adiante e os motoristas em busca de vaga para não perder o horário dos teatros no Shopping contrastam com a tranqüilidade das ruas, cujos nomes - das Acácias, Oitis, Jequitibá - lembram o tempo em que a Gávea era um local de chácaras.

### 1 Praça Santos Dumont

A Praça Santos Dumont é ponto de referência para os moradores e visitantes do bairro e uma boa opção de lazer para diversas idades. Por lá, em horários distintos, é possível encontrar desde pessoas mais idosas passeando ou jogando nas suas mesas, até crianças com suas babás e jovens estudantes das Escolas Municipais Júlio de Castilho e Manoel Cícero, que vão para a praça nos intervalos das aulas.

Durante a noite, os boêmios frequentadores do Baixo Gávea tomam conta do lugar, principalmente nas segundas feiras. Às sextas-feiras, logo cedo, chegam os feirantes para montar suas barracas. Aos domingos, uma outra feira se instala ali: a feira de antiguidades, que funciona até o entardecer.

## **2 Jockey Clube**

Praça Santos Dumont, 31  
Tel.:2512-9988

A história das corridas de cavalo no Rio de Janeiro começa em 1825 com a chegada na cidade de um grupo de ingleses admiradores do esporte. Em 1849, é fundado o Prado Fluminense. Dezenove anos depois, o Jockey Clube é inaugurado próximo ao Maracanã. Em 1926 estabelece-se definitivamente na Gávea. Da fusão com outro importante clube, o Derby Club, em 1932, originou-se o atual Jockey Club Brasileiro.

O Jockey foi projetado em 1922 pelos arquitetos Archimedes Memória e Francisco Cuchet. Sua fachada lembra o *Grand Trianon*, de Versalhes, e a arquibancada coberta por marquise em concreto armado é até hoje recorde mundial em sustentação.

Também conhecido como Hipódromo da Gávea, o clube foi inaugurado com toda pompa e circunstância, e até hoje revive um pouco desse glamour, em agosto, por ocasião do Grande Prêmio Brasil. Uma boa opção para o final de semana é almoçar no restaurante Photochart, observando os cavalos a espera do próximo páreo.

## **3 Escolas municipais Julio de Castilho e Manoel Cícero**

Praça Santos Dumont, 86 e 96

As duas escolas, localizadas em lados opostos de uma mesma esquina e de frente para a praça, são quase idênticas. Suas fachadas se espelham uma na outra, tornando o conjunto bastante harmônico. Inauguradas em 1925, são hoje tombadas pelo patrimônio histórico. Uma delas foi originalmente uma escola profissional

feminina, seguindo a tendência dos anos 20 de criar estabelecimentos de ensino próximos ao local de trabalho, no caso, as fábricas de tecidos.

## **5 O Baixo Gávea**

### **Hipódromo**

Praça Santos Dumont, 106  
Tels.: 2274-9720 / 2274-2755

### **Braseiro da Gávea**

Praça Santos Dumont, 116  
Tel.: 2239-7494

Baixo Gávea é o famoso trecho da Praça Santos Dumont, é um ponto de encontro tradicional há várias gerações e já foi até tema de filme, estrelado por Lucélia Santos em 1986. No início era mais freqüentado pelos estudantes da PUC, que estendiam suas discussões acadêmicas para as mesas dos bares. Atualmente, o local tem público bem mais eclético.

## **6. Guimas Restaurante**

Rua José Roberto Macedo Soares, 5  
Tel.: 2259-7996

É o restaurante mais escondido do *Baixo*. Fica no final de uma seqüência de estabelecimentos comerciais, que incluem uma loja de animais, uma tinturaria e um simpático e pequenino restaurante Japonês. O Guimas é um dos mais requisitados bistrôs da Zona Sul, sempre com gente famosa em seu espaço apertado e bastante informal. A culinária francesa, principal inspiração do cardápio da casa, incorpora várias outras influências gastronômicas. Seu prato mais tradicional é o Filé do Bêbado, acompanhado pela inconfundível caipirinha de lima.

## **8 Mosteiro das Clarissas (Mosteiro de Nossa Senhora dos Anjos da Porciúncula)**

Rua Jequitibá, 41  
Tel.: 2274-3147

O mosteiro da Rua Jequitibá foi fundado em 1928, por oito religiosas da Ordem das Clarissas, vindas da Alemanha. É uma Ordem Monástica contemplativa, dedicada a

muitas orações, cantos e músicas executadas ao órgão. Essa certamente é a explicação para a escolha de um local tão silencioso para sua instalação. O único ruído que se escuta, além das melodias barrocas, é o sino do mosteiro que bate diariamente às 7 horas da manhã. e às 6 horas da tarde.

A protetora do mosteiro é Santa Clara - padroeira do bom tempo e dos navegantes. Uma das suas histórias diz respeito ao navegador Cristóvão Colombo. Ao perder uma de suas embarcações, ele reza para Santa Clara, e ao reencontrá-la, dá o seu nome à primeira cidade que aporta, a cidade de Santa Clara, em Cuba.

Santa Clara é também padroeira das bordadeiras e das noivas, que mantém a tradição de levar ovos ao mosteiro para que não chova no dia de seus casamentos. A missa de domingo é muito concorrida e a pacata rua Jequitibá, no alto de uma ladeira íngreme, torna-se ponto de encontro de dezenas de fiéis.

## **9 Restaurante Bacalhau do Rei**

Rua Marquês de São Vicente, 11  
Tel.:2239-8945

Dono de um dos melhores bolinhos de bacalhau da cidade, o Bacalhau do Rei é um ponto tradicional do bairro. Entre as opções do cardápio, destacam-se os pratos de frutos do mar, os doces portugueses, e especialíssima massa de bacalhau, também vendida a quilo.

## **10 Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição**

Rua Marquês de São Vicente, 19  
Tel.:2274-5448

A igreja foi erguida entre 1852 e 1857, com recursos doados por Manuel dos Anjos Vitorino do Amaral, morador da região e um dos protetores da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição. Com a criação da freguesia da Gávea em 1873, a igreja foi, dois anos depois, elevada a matriz. Foi reconstruída em 1868, e novamente em 1934, quando pegou fogo. Era avistada de longe, por quem chegava na Gávea, e os

moradores se reuniam em torno das festas que celebravam a santa padroeira do bairro. Hoje está espremida entre os edifícios.

### 11 Shopping da Gávea

Rua Marquês de São Vicente, 52  
Tel.:2294-1096

É parte fundamental do cotidiano do bairro desde sua inauguração, em 1975. São inúmeros os moradores da região que freqüentam suas academias, galerias de arte e boutiques.

Espécie de *Broadway* carioca, o shopping possui quatro teatros - o **Vanucci**, o **Clara Nunes**, o **Teatro das Artes** e **Teatro dos 4**, sempre com boas peças em cartaz. Atores e diretores circulam diariamente pelos corredores, mas obviamente a tietagem não é bem vista. A livraria **Timbre** atrai intelectuais e amantes da boa leitura, além de ser muito requisitada para lançamentos literários. As opções gastronômicas são variadas: mil-folhas de creme e salgadinhos do **Chez Anne**, e esfihas e quibes, acompanhadas do molho caseiro com pimenta "dedo-de moça" do **Árabe**, são apenas alguns exemplos.

### 12 Livraria Malasartes

Shopping da Gávea  
Rua Marquês de São Vicente, 52 - 3º piso  
Tel.:2239-5644

As crianças aprendem a gostar de leitura desde cedo freqüentando essa pequena e simpática livraria infantil, localizada no terceiro andar do Shopping da Gávea. O ambiente simpático cativa também os pais, que voltam a infância ao vasculhar as prateleiras. Há sempre tardes de autógrafos de escritores deste público mirim.

### 13 Vila 90

Rua Marquês de São Vicente, 90

Antiga vila residencial, o velho sobradão de 1920, restaurado, recebeu o nome de Villa 90. De 1940 a 1960, a casa possuiu dupla utilidade, abrigando residência e

comércio. Seu atual proprietário o transformou em *point* de artistas plásticos e escritórios de arquitetura e *design*. Hoje, o local abriga, também, um restaurante de comida a quilo.

#### **14 Gávea Integral**

Rua Marquês de São Vicente, 75 - loja 105  
Tels.:2512-2283 / 2239-8440

Durante a semana, a qualquer hora do dia, há boa variedade de comida natural caseira, feita basicamente de folhas orgânicas, arroz integral, feijão e proteínas. Para sobremesa, doces sem açúcar. A loja é pequena e agradável, e oferece cerca de 2.000 itens, entre artigos naturais e dietéticos.

#### **15 Da Casa da Táta**

Rua Professor Manoel Ferreira, 89 - loja N  
Tel.:2511-0947

Uma pequenina e charmosa confeitaria, com pães e roscas artesanais, bolos, tortas e biscoitos, todos sempre fresquinhos. Há também opções para o almoço. Ao som suave de música clássica, pode-se fazer aí a leitura dos jornais do dia num clima de cidade pequena, onde a conversa é sempre agradável e tranquila.

#### **16 Casa dos Sabores**

Rua Professor Manoel Ferreira, 89 - loja M  
Tels.:2512-2283 / 2239-8440

Tudo começou em 1983, quando os irmãos Mário, Mônica, Félix e Natacha de Andrade, recém-chegados do Amazonas, fundaram na Gávea uma pequena "loja de comida". Com o lema "sob encomenda, nada é impossível", aos poucos, o pequeno negócio foi se transformando, e hoje a Casa dos Sabores é uma das mais famosas *delicatessens* do Rio.

## A Universidade

*Desde que a PUC se instalou na Gávea, estudantes universitários são personagens diários dos bares, cafés e restaurantes ao redor do campus.*

A chácara da família Borges, desmembrada em 1926, fez surgir as ruas João Borges, Piratininga e Frederico Eyer. Onde hoje funciona a Clínica São Vicente, havia o sanatório do Dr. Domingos Azevedo Coutinho Duque Estrada, introdutor da homeopatia no Brasil.

### **1 Planetário da Cidade do Rio de Janeiro / Museu do Universo**

Planetário da Cidade do Rio de Janeiro/Rua Padre Leonel Franca, 240,  
Museu do Universo/ Rua Vice-Governador Rubem Berardo, 100  
Tel.:2274-0096

O **Planetário da Cidade do Rio de Janeiro** fundado em novembro de 1970 é um centro de estudos da astronomia que também oferece cursos, sessões de cúpula e observações ao telescópio, além de palestras, seminários, debates, exposições, vídeos, e biblioteca. Possui um teatro que integra a rede municipal - o **Teatro Maria Clara Machado**.

Em 1998, a Fundação Planetário ampliou suas instalações e inaugurou o **Museu do Universo**. A partir de então, além da cúpula Galilieu Galilei, passou a contar com uma nova sala, a Carl Zeiss, um cinema hemisférico, com projeções em 180 graus e com uma programação de filmes temáticos, ecológicos e científicos. São 277 lugares disponíveis numa área de 700 m<sup>2</sup>. Ambas estão abertas à visitação escolar, para os alunos aprenderem e se divertirem num passeio interplanetário.

Na cúpula mais antiga, "viagens espaciais" nas quais é possível ver os astros se aproximando num céu pontilhado por 10.000 estrelas, visitar planetas e assistir a galáxias em rotação.

### **2 Minhocão - Conjunto residencial Marques de São Vicente**

Av. Padre Leonel Franca s/n

Projeto de Affonso Eduardo Reidy, considerado um dos mais importantes trabalhos



de habitação popular da arquitetura moderna brasileira, o Minhocão foi construído nos anos 50. Sua concepção segue a de outro projeto do mesmo arquiteto, o consagrado Conjunto do Pedregulho, localizado na zona norte da cidade. A abertura da auto-estrada Lagoa-Barra, em 1982, modificou consideravelmente uma parte da construção, mas suas características principais foram preservadas.

### **3 Galpão de Artes Recicladas Helio G. Pellegrino**

Av. Pe. Leonel Franca s/n

Bem em frente ao Planetário, sob o viaduto Lagoa-Barra, foi criado um espaço de arte patrocinado pela Comlurb. Com o objetivo de incentivar a cultura da reciclagem, o galpão tem uma salão de exposição e ateliês de artistas, entre eles Helio Pellegrino, que desenvolve trabalhos transformando sucata em arte.

### **4 A PUC-Rio**

Rua Marquês de São Vicente, 225  
Tel.:3114-1001

Fundada em 1941, apenas com cursos de Filosofia e Direito, a primeira universidade privada do país foi uma iniciativa de alguns católicos expressivos da época, como Cardeal Leme, Padre Leonel Franca, D. Hélder Câmara, Sobral Pinto e Alceu Amoroso Lima. Inicialmente funcionava em Botafogo, na Rua São Clemente, ao lado do Colégio Santo Inácio. Dirigida por padres jesuítas, a PUC inaugurou sua nova sede na Gávea em 1955, ocupando amplo terreno de 100 mil m<sup>2</sup>. Para sua construção foram compradas propriedades na rua Marquês de São Vicente. Eram chácaras, que já tinham pertencido a homens ilustres, como Grandjean de Montigny, Marquês de Tamandaré e Conselheiro Lafayette.

A PUC-Rio é hoje uma referência importante na formação universitária do país. Sua atuação estende-se por praticamente todas as áreas do conhecimento acadêmico, em graduação e pós-graduação.

O Pilotis da PUC é um marco na universidade, um verdadeiro ponto de encontro dos estudantes. O local também já foi cenário de filmes e novelas, palco de shows,

protestos e permanece realizando sua principal função - promover a integração dos freqüentadores da universidade.

Pelo seu *campus*, um amplo espaço arborizado, os moradores do bairro, de todas as idades, também podem ser vistos com frequência em agradáveis passeios. Aos domingos, a missa reúne número expressivo de fiéis católicos.

## **5 Solar Grandjean de Montigny**

Rua Marquês de São Vicente, 225  
Tel.:3114-1434

Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny chegou à cidade em 1816 integrando o grupo de artistas e técnicos da chamada Missão Artística Francesa que tinha como propósito principal implementar o ensino acadêmico das Belas Letras no Rio de Janeiro. Arquiteto prestigiado na Europa, introduziu o neoclássico no Brasil. É o autor de vários projetos nesse estilo, como a Casa França-Brasil, e o portal da antiga Academia de Belas Artes, hoje situado no Jardim Botânico.

Sua moradia na Gávea localiza-se hoje dentro do *Campus* da PUC e é considerada um dos melhores exemplos da arquitetura residencial do período. Tombada pelo Patrimônio Histórico, foi restaurada pela primeira vez em 1959, a partir de um desenho de Debret. O Solar Grandjean de Montigny, aberto à visitação, abriga permanentemente exposições de arte contemporânea.

## **6 Escola Luis Delfino**

Marquês de São Vicente, 238

Uma das primeiras escolas públicas do Rio, conhecidas como "Escolas do Imperador", integrou a rede oficial em 1893, mas sua história começou bem antes: foi fundada por um dos mais curiosos personagens da região, o ex-escravo Zózimo, também chamado Zé Índio, criado de um dos filhos de Pedro Pereira da Silva, proprietário de terras na Gávea.

Zé Índio alfabetizou-se sozinho e depois ergueu uma pequena construção no Beco do Buraco (hoje, rua Duque Estrada) para ensinar a outros escravos e seus

filhos os conhecimentos de aritmética e português. Com o tempo, o casebre foi sendo ampliado e o novo proprietário da fazenda doou a escola para à Irmandade da Nossa Senhora da Conceição, em 1865. Finalmente, tornou-se local de ensino público. Em 1922, recebeu o nome do poeta, médico e senador Luis Delfino. Infelizmente os gradis, as duas pias de mármore de Carrara, as tábuas do piso e o teto de pinho de riga, que constituíam o prédio original, sucumbiram à modernização da escola, levando consigo também uma boa parte da sua história.

## No Alto da Gávea

*No final da rua morou o Marquês.*

Os moradores chamavam de *rodo* o final da Marquês de São Vicente, no alto da Gávea, pois lá a rua se alargava para o motoneiro manobrar.

### **1 Colégio Teresiano**

Rua Marques de São Vicente, 331  
Tel.:2512-8585

Entre os vários colégios estabelecidos no bairro, o mais tradicional é o Teresiano. Criado em 1956, é dirigido desde a sua fundação pela Instituição Teresiana, uma associação católica, fundada em 1911, na Espanha, por Pedro Poveda.

### **2 Clube Germânia**

Rua Antenor Rangel, 210  
Tel.:2274-2598

O Clube Germânia foi fundado em 20 de agosto de 1821, no centro da cidade, em um restaurante na Rua dos Ourives, atual Miguel Couto. O local foi se estabelecendo como um tradicional ponto de encontro de pessoas de origem européia, principalmente alemães, que ali se reuniam para conversar, receber notícias da Europa, e consumir bebidas e comidas típicas de suas terras. Teve seu estatuto aprovado por D. Pedro II em 1862, quando já era uma importante referência na

cidade. No início do século passado, a sede mudou-se para o Flamengo, foi confiscada durante a Segunda Guerra, devolvida em 1945 e transferida para Botafogo. Finalmente, em 1971, a sociedade se instala na atual sede da Gávea.

### **3 Chalé em estilo romântico**

Rua Marquês de São Vicente, 432

Construído em 1881 e tombado mais de cem anos depois, em 1986, o chalé, com seus lambrequins, é um representante típico do estilo romântico bastante em voga no final do século XIX. Localizado no alto da Marquês de São Vicente, chama atenção em meio a outras antigas construções vizinhas.

### **4 Casa e Capela Santa Igenes**

Rua Mary Pessoa, 91  
Tel.: 2274-2402

Foi erguida em 1919, como pagamento de uma promessa feita por Maria Sayão da Silva Pessoa, ou Mary Pessoa, esposa do então Presidente da República, Epitácio Pessoa. A casa de Santa Igenes é hoje administrada pelas Irmãs da Congregação das Filhas de Sant'Anna. No início de sua história, funcionou como local de acolhida e tratamento para jovens tuberculosas de poucos recursos. Os antigos moradores do bairro também procuravam o local em busca de suas minas de água potável. Sua aconchegante capela é muito requisitada para casamentos e batismos, e a Casa possui uma creche para 150 crianças, além de desenvolver oficinas e outras atividades voltadas para o atendimento das comunidades carentes da região.

### **5 Casas modernistas**

A Gávea é um bairro que ainda possui muitas casas, apesar da pressão do mercado imobiliário que se intensificou em toda a cidade a partir dos anos 70. Um olhar atento permite identificar em algumas dessas casas os traços modernistas de Lucio Costa, Carlos Leão e Olavo Redig de Campos.

## 6 Instituto Moreira Salles

Rua Marquês de São Vicente, 476.

Tel.: 3284-7400

Um dos mais interessantes centros culturais do Rio, o Instituto Moreira Salles, vizinho ao Parque da Cidade, foi originalmente residência do banqueiro Walter Moreira Salles. A mansão em si já vale a visita: projetada pelo arquiteto modernista Olavo Redig de Campos nos anos 1950, possui uma área de 10 mil metros quadrados, com projeto paisagístico de Burle Marx, que também é autor dos azulejos ao lado do lago artificial.

O centro realiza exposições no próprio espaço da casa, e conta também com um auditório para sessões de cinema, cursos, palestras e shows musicais. Em dois prédios construídos dentro do terreno, utilizando padrões de tecnologia internacional, o Instituto abriga uma reserva técnica de fotografia, e uma reserva técnica musical. No primeiro, há uma fototeca com mais de 110 mil imagens, com destaque para o acervo das fotografias de Marc Ferrez, o principal fotógrafo brasileiro do século XIX. O segundo prédio abriga o Centro Petrobras de Música Brasileira, com mais de 12 mil músicas, oferecendo acesso gratuito por meio de terminais de audição e consulta. Uma simpática lojinha e o **Café Galeria** complementam o Instituto.

## 7 Escola Parque

Rua Marquês de São Vicente, 483

Tels.: 2274-1121 / 2529-2500

Nos anos 70, a escola foi referência de ensino alternativo para os filhos da classe média alta carioca. Até hoje uma das melhores escolas da Zona Sul, fica localizada em uma ampla área verde no Alto Gávea.

## Estrada da Gávea

*O Circuito da Gávea, famosa corrida de carros, era também conhecido como Trampolim do Diabo, em referência às sinuosas curvas em S no alto da Rocinha.*

Já no final da Marquês de São Vicente começa a Estrada da Gávea, cujas sinuosas curvas levam ao bairro da Rocinha e a uma das mais privilegiadas vistas da cidade.

### **1 Centro Loyola de Fé e Cultura**

Estrada da Gávea nº 1  
Tel.:3874-8093

O Centro Loyola de Fé e Cultura é ligado institucionalmente à PUC-Rio, e oferece regularmente cursos de teologia e formação política, entre outros. Está instalado em uma bela casa modernista - a Mansão Ceppas - no início da Estrada da Gávea, em meio a densa vegetação.

### **2 Instituto Nossa Senhora de Lourdes**

Estrada Santa Marinha, 514  
Tel.:3206-0486

Especializada em ensino para surdos, essa escola "inclusiva" recebe também crianças e adolescentes não-surdos. Foi criada em 1959 e é administrada pelas irmãs de Nossa Senhora do Calvário.

### **3 Parque da Cidade / Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro**

Estrada Santa Marinha, 505  
Tels.:2512-2353 / 2294-5990

Propriedade particular até 1939, foi comprado pela Prefeitura e, desde então, está aberto ao público. A área era parte de uma antiga fazenda de café, que foi loteada em meados do século XIX, devido ao declínio do chamado "ouro negro". O terreno, que ficou conhecido como Chácara do Morro Queimado, teve vários ilustres proprietários, como o político paulista José Antônio Pimenta Bueno, futuro Marquês de São Vicente, que lá recebeu algumas vezes a visita de D. Pedro II. No início da República, a fazenda pertenceu a Antônio Teixeira Rodrigues, Conde de Santa Marinha, e depois teve como proprietários as famílias dos donos da Casa Teixeira Borges, comerciantes de secos e molhados. O último proprietário particular foi o engenheiro Guilherme Guinle, cuja casa foi freqüentada por Getúlio Vargas e por

outras figuras importantes da República.

O parque foi tombado em 1965 e ocupa uma área de 470 mil m<sup>2</sup> com extensos gramados e lagos. Há uma programação cultural ao ar livre regular, com shows musicais e peças de teatro infantil

Os visitantes podem apreciar suas quaresmeiras e outros exemplares de sua flora nativa. Saguis, macacos-prego, esquilos, tucanos-de-bico-preto e coleirinhos são moradores habituais desse pedaço de Mata Atlântica.

#### O Museu da Cidade

Instalado no solar da antiga residência do Marquês de São Vicente, o acervo do museu descreve a Cidade do Rio de Janeiro desde a sua fundação, em 1565, até meados do século XX, destacando as principais transformações urbanísticas aqui ocorridas. Com cerca de 17 mil peças, a coleção constitui importante núcleo iconográfico sobre a cidade, composto por obras de artistas como Taunay, Grandjean de Montigny, Glaziou, Visconti, Bertichen e Stallone. Possui também vasta acervo de mobiliário e em sua fachada encontra-se uma Fonte Wallace, de ferro fundido, datada do século XIX, além de outras preciosidades.

#### **5 Escola Americana**

Estrada da Gávea, 132  
Tel.:2512-9830

A escola foi criada em 1937 e está instalada na Gávea desde 1971. Oferece ensino primário e secundário com currículo brasileiro e americano, preparando os alunos para estudar em instituições estrangeiras. Inicialmente voltada para cidadãos americanos e demais famílias estrangeiras, hoje possui um grande número de alunos brasileiros.